

# MONOGENISMO E MONOFILETISMO \*

## UMA DISTINÇÃO ESSENCIAL A FAZER

Com a Encíclica *Humani generis*, ouvimos de novo debater, com muita paixão... e confusão, o problema da representação histórica das origens humanas. A tal propósito, convém insistir, uma vez mais, na diferença essencial que separa as noções (demasiado amiúde ainda tomadas como sinónimos!) de:

Mono- e *poli-genismo*: um ou vários casais primitivos;

Mono- e *poly-filetismo*: um ou vários ramos (ou filios) na base da Humanidade.

### Princípio 1.

Em consequência da impossibilidade de facto em que se acha (e sem dúvida sempre se achará) a Ciência de ampliar com suficiente grandeza o passado paleontológico para dis- (inguir *indivíduos*, ou seja, discernir, lá muito atrás, outra coisa que não *populações*, o mono- e o poli-genismo são, em realidade, *noções puramente teológicas*, introduzidas por razões dogmáticas, mas extracientíficas por natureza (enquanto experimentalmente inverificáveis).

### Princípio 2.

O que equivale a dizer que, todas as vezes que um cientista (enquanto cientista) reconhece a unidade da espécie humana, não é de modo nenhum a existência de um casal único original que ele entende afirmar, mas simplesmente o facto de o Homem representar, zoologicamente, uma *estirpe* única: sejam quais forem, de resto, a espessura (numérica) e a complexidade (morfológica) desta estirpe nos seus primórdios.

Em Ciência, não se pode falar de mono- ou poli-genis- mo, mas *apenas* de mono- e de poli-filetismo.

Em virtude de tudo isto, o teólogo conserva assim uma certa liberdade de supor o que se lhe afigura dogmaticamente necessário no interior da zona de indeterminação criada pela imperfeição da nossa visão científica do Passado. *Directamente*, o cientista *não pode* provar que a hipótese de um Adão individual é de rejeitar. *Indirectamente*, porém, pode julgar que esta hipótese é tornada cientificamente insustentável por tudo o que consideramos conhecer neste momento acerca das leis biológicas da «especação» (ou «génese das Espécies»).

a) Por um lado, de facto, aos olhos de um geneticista, não só o aparecimento simultâneo de uma mutação num casal único parece infinitamente improvável — como ainda se lhe coloca a questão de saber se, mesmo realizada no caso do Homem, uma mutação tão limitada teria a mais pequena hipótese de se propagar.

b) Por outro lado (e isto é ainda muito mais grave), o que o monogenismo dos teólogos exige não é somente a unicidade de um casal original — mas é o aparecimento brusco de dois indivíduos *completamente acabados no seu desenvolvimento específico* desde o primeiro instante. No mínimo, o Adão dos teólogos teria de ser, logo à primeira, um *Homo Sapiens*. Especificamente falando, ele teve<sup>1</sup> de *nascer adulto*: ora estas duas palavras associadas não fazem sentido para a Ciência de hoje. *Contra leges naturae*<sup>2</sup>...

Sendo assim, de duas, uma.

— Ou as leis científicas da especação mudarão amanhã na sua essência (o que é pouco provável).

— Ou então (o que parece plenamente de acordo com os últimos progressos da exegese) os teólogos aperceber-se-ão, de uma ou de outra maneira, que num Universo tão organicamente estruturado como este onde estamos hoje a despertar, uma solidariedade humana, muito mais estreita ainda que a por eles procurada «no seio da mãe Eva», lhes é facilmente fornecida pela extraordinária ligação interna de um Mundo em estado de Cosmo- e de Antropogénese à nossa volta.\*\*

\* Ensaio de Teilhard de Chardin, in “A minha Fé”, Ed. Notícias, Lisboa, 2000

<sup>1</sup> Para ser capaz de carregar a responsabilidade do Pecado Original.

<sup>2</sup> Contra as leis da natureza. (N. *do E.*)

\*\* *Inédito*. Paris, 1950.